



ARTIGO

**RESGATE HISTÓRICO
DO HAITI DURANTE A
GUERRA CIVIL (2006-2008)
A PARTIR DE
FOTOGRAFIAS DE UM
SOLDADO CAPIXABA
NA ORGANIZAÇÃO DAS
NAÇÕES UNIDAS (ONU)**

Erica Duarte-Silva

*Entrevistadora (Agosto de 2013 a Maio de 2019). Livre-
Docente da Universidade Federal do Espírito Santo,
Campus São Mateus. Departamento de Ciências
Agrárias e Biológicas. Bióloga, Educadora Ambiental e
Bacharel em Turismo.*

Janini do Rozário Conceição

*Iniciação científica. Assistente de gabinete do Projeto
(Ago-2015–Dez-2016). Universidade Federal do
Espírito Santo, Campus São Mateus. Licenciatura em
Ciências Biológicas. Professora, Bióloga e Educadora
Ambiental.*

Pablo Sales Almeida

*Sujeito histórico entrevistado (Ago-2013-Mai-2019).
Organização das Nações Unidas (ONU). Missão
das Nações Unidas de Estabilização do Haiti.
(MINUSTAH) Corpo de Fuzileiros Navais. Marinha
do Brasil. Universidade Federal do Espírito Santo,
Campus São Mateus. Licenciatura em Ciências
Biológicas. Licenciando em Ciências Biológicas e
Policia Militar.*

Resumo

O presente trabalho versa sobre resultados de um trabalho de conclusão de curso, na área de Educação, de Licenciatura em Ciências Biológicas. Trata-se de um trabalho do-tipo-etnográfico, de acordo com os pressupostos de Marli André, particularmente sobre o Bairro de Cité de Soleil, Porto Príncipe, Haiti, durante a Guerra Civil (2006-2007). Utilizando Vygotsky, e a Pedagogia Dialógica de Paulo Freire, como referencial teórico, os graduandos são motivados a resgatar suas histórias de vida nas aulas. Este método objetiva trabalhar o currículo programado a partir do conhecimento prévio dos discentes. A pedagogia dialoga de José Eustáquio Romão também é utilizada em projetos de ensino que objetivam o combate a desmotivação, retenção e evasão escolar dos graduandos. Nesse contexto, emergiu a presente história de vida, resgatada no trabalho, cujo valor histórico e etnográfico transcende os aspectos educacionais.

Palavras-chave: Fuzileiros navais, Cité Soleil, Porto Príncipe, desnutrição, saneamento.

Abstract

This work concerns the results of a dissertation in the field of Biological Sciences. It is an ethnographic work based on Marli André, particularly about the Cité de Soleil neighborhood in Port au Prince, Haiti, during the Civil War (2006-2007). Using Vygotsky, and the Paulo Freire as a theoretical reference, the graduate students are motivated to rescue their life stories in class. This method aims to work the curriculum scheduled from the previous knowledge of students. The Pedagogia Dialógica of José Eustáquio Romão is also utilized in teaching projects to avoid demotivation, retention and school dropout. In this context emerged the life history recorded in this study whose historical and ethnographic value transcends the educational aspects.

Key words: Navy Seals, Cité Soleil, Port-au-Prince, malnutrition, sanitation.

Introdução

*“Tudo que a gente faz é importante e precisa ser valorizado”
(Discente de um curso de Licenciatura-UFES
Moradora do entorno de uma unidade de conservação e
educadora ambiental desde os 14 anos)*

Este artigo consiste em três estudos de caso cuja metodologia utilizada foi o trabalho do tipo etnográfico, de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos de André (2015). São trabalhos de curta duração, realizado por não-antropólogos, ou profissionais de outras áreas da ciência. Não possuem uma finalidade etnográfica em si, mas são realizados no intuito de buscar respostas para as áreas específicas dos pesquisadores em questão. A etnografia da prática escolar foi utilizada no presente trabalho para fins de resolução de problemas na prática docente, e

subsídios para a Educação Ambiental e a Etnobiologia. Contudo, o valor histórico e etnográfico dos dados aqui apresentados transcenderam o seu caráter utilitarista, e foram compilados nesta obra, com finalidade distinta do objetivo inicial.

Os métodos utilizados na pesquisa foram: revisão de literatura científica, trabalho de campo e análise documental (ANDRÉ, 2015). Conforme expõe o autor:

Um trabalho pode ser caracterizado como do tipo etnográfico em educação, quando ele faz uso das técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos. O pesquisador aproxima-se de pessoas, situações, locais,

eventos, mantendo com eles um contato direto e prolongado. Como se dá esse contato? Primeiro não há pretensão de mudar o ambiente, introduzindo modificações que serão experimentalmente controladas como na pesquisa experimental. Os eventos, as pessoas, as situações são observados em sua manifestação natural, o que faz com que tal pesquisa seja também conhecida como naturalística ou naturalista (ANDRÉ, 2015 p.25).

Observações participantes na etnografia

Optou-se no presente trabalho na observação participante como método ao invés das entrevistas estruturadas e semi-estruturadas. Os trabalhos aqui apresentados versam sobre observação participante, entrevistas intensas e, isoladamente, algumas entrevistas não-estruturadas. Segue abaixo uma percepção de Malinowski sobre dados aos quais são difíceis de coletar por meio de entrevistas formais:

Malinowski percebeu que existe um problema metodológico de pesquisa relacionado à forma como certas questões são salientes no pensamento cotidiano dos membros de uma sociedade, enquanto outras não são. Há coisas em nossa existência social sobre a qual não falamos, e isso se dá por várias razões. Uma delas é o fato de que internalizamos algumas formas de comportamento na infância e seguimos repetindo-as no convívio social, de forma habitual, sem colocar atenção em tais comportamentos. Outra é que aprendemos a evitar falar - e mesmo pensar - a respeito de certos temas, como questões ligadas aos tabus, mesmo que eventos de alguma forma relacionados a tais tabus sejam frequentes. Malinowski se deu conta de que, ao permanecer por tempo suficiente com determinado grupo social, o pesquisador tem a oportunidade de observar comportamentos e eventos sociais (como certos rituais) que dificilmente seriam mencionados em entrevistas (TADDEI & GAMBOGGI, 2011).

Taddei e Gamboggi (2011) afirmam que a etnografia, pode ser entendida como mais do que uma mera metodologia, mas tomada na sua acepção de diálogo intercultural. A experiência etnográfica, como instância especial da experiência mais genérica da comunicação, pressupõe, de início, seres em coexistência contextual, fazendo uso de seus recursos conceituais e materiais, para se posicionarem um frente ao outro, na dialética entre estarem existencialmente abertos (curiosidade) e fechados (medo).

Resgate oral da história da vida

Meihy (1996) menciona como pressuposto que “a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado” (SILVA, 2004, p.11). Os sujeitos constroem conhecimentos, a partir de uma intenção determinada de fazer articulações entre o que conhece e a nova informação que pretende absorver. Diante disso, escrever sobre a história oral de vida é gratificante e envolve todo um contexto histórico e sociocultural desde o passado até o contemporâneo. “A história oral é indicada como uma perspectiva. Importante para a pesquisa de sujeitos, para os quais não há outro acesso, para responder a novas perguntas sobre antigos temas, provocar novos assuntos e abrir novas perspectivas de análises” (SILVA, 2004, p.19-20).

Breve biografia do sujeito histórico e o processo das entrevistas

Os dados aqui apresentados constituem a análise de conteúdo, de acordo com Severino (2009), de fotografias tiradas por um discente do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas antes do seu ingresso no curso, em 2010, quanto atuou como soldado na MINUSTAH, no corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil, de 2006 a 2008.

A fotos foram cedidas ao presente trabalho por meio de 16 horas de entrevistas não-estruturadas entre os presentes autores: discente e professora. Por tratar-se de um assunto pouco trivial: uma Guerra Civil, observações não participantes foram feitas pela professora durante três semanas antes da primeira abordagem para o convite da entrevista. Três entrevistas foram marcadas, e em seguida, desmarcadas. Na quarta entrevista marcada, obteve-se a primeira reunião. Este fato também ocorreu no trabalho de Ferreira (2011), nas entrevistas com imigrantes africanos ilegais na França. Este fato deve-se às referidas pesquisas tratarem de assuntos com aspectos legais complexos. Contudo, desde a primeira reunião do presente trabalho já foi acordado que todos os materiais e informações coletadas na pesquisa tinham por fim unicamente conhecer a cultura haitiana no intuito de promover sua reconstrução após a Guerra civil, sem qualquer interesse em temas militares e políticos. Após esse ciclo de entrevistas, foram produzidos dois trabalhos, apresentados em congresso, sobre o ensino de Biologia a baixíssimo custo, para escolas brasileiras, caribenhas e haitianas (Duarte-Silva e col. 2014a; Duarte-Silva e col. 2014b). E desde a confecção deste trabalho, o sujeito da pesquisa ingressou em nosso núcleo de pesquisa e prática pedagógica, totalizando uma média de 144 horas de observações participantes da professora com o discente, em formato de entrevistas intensivas, do período de novembro de 2013 a dezembro de 2015.

Relatórios e fotografias de trabalho de campo realizados em Paris, França, em 2007, pela primeira autora, sobre imigrantes haitianos e africanos também foram utilizadas neste trabalho.

A guerra civil e a missão das Nações Unidas

O presente ponto do trabalho tem como mote, a situação social, política, econômica e ambiental do Haiti nos anos da última Guerra Civil enfrentada pelo país.

Vale ressaltar que após a estabilização do Haiti pela ONU, por meio da MINUSTAH, ocorreu um terremoto de grande escala em 2010, sendo hoje a realidade no país possivelmente diversa do período histórico aqui apresentado. Essa é outra relevância para este estudo de caso: retratar uma realidade socioeconômica e ambiental extremamente adversa, mas que pode ter sido alterada, positiva ou negativamente, após o desastre natural de 2010. Portanto, trata-se de um resgate histórico, de um período específico. O trabalho etnográfico de Thomaz (2010) retrata o momento logo após o terremoto em Porto Príncipe, Haiti, bem como, as relações da MINUSTAH com a sociedade haitiana.

Além de possuir um dos menores índices de desenvolvimento humano do continente americano, o Haiti passou por vários eventos de rebelião armada buscando a tomada do poder nos últimos 30 anos; o último estado de guerra civil instaurado no país sofreu intervenção das Nações Unidas a partir de 2004; A Minustah: Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti, iniciada no mesmo ano, sob o comando militar brasileiro, teve por meta promover novas eleições democráticas e conter a insegurança gerada após uma rebelião armada que levou à renúncia forçada e exílio do então presidente Jean-Bertrand Aristide (REIS, 2010, P.75).

Segundo a FAO em 2010, os habitantes Haitianos sofrem com a fome, tanto do ponto de vista calórico, pois consomem menos de 2200 calorias per capita/dia, quanto do ponto de vista nutricional, pois a porcentagem de gramas proteicas per capita/dia do cidadão Haitiano é menor que a recomendada pela FAO e decresceu nos últimos anos. Baseado nisso, urge uma necessidade de importação emergencial de alimentos e resgate do modo de vida tradicional do país e seus laços culturais, para retorno às formas tradicionais de cultivos e criação de animais, ações essas de baixo custo para minimizar o atual estado de fome (REIS, 2010). Aliado a isso, a questão ambiental no Haiti está em risco, com terras exauridas pela

agricultura centenária, desmatamento de novas terras agricultáveis, e por consequência, diminuição da água disponível para a população e para a agropecuária (REIS, 2010).

Além das Forças Armadas, o Brasil conta com algumas instituições civis governamentais e não governamentais atuando no Haiti. Enquanto instituição civil, a universidade pública brasileira, mais especificamente, seus cursos de Licenciatura, deparam-se mediante duas possibilidades de cooperação internacional entre Brasil e Haiti: a primeira, mais emergencial, na reconstrução do país através da capacitação técnica de professores haitianos, fato que já ocorre, segundo análise documental. E a segunda, de cunho mais duradouro, apoiando o resgate da cultura local para que os próprios cidadãos haitianos reconstruam seus modos de produção, sustento, e suas relações socioculturais como discutida por Reis (2010). Essas relações e ações perpassam pela educação formal e informal e consequentemente pelo espaço escolar e pelo papel da educação básica e profissionalizante nesse processo.

O Haiti durante a guerra civil (2006-2007)

O bairro de Cité de Soleil é uma localidade da periferia de Porto Príncipe, não em seu sentido geográfico, mas socioeconômico na típica disparidade centro-periferia das grandes cidades latino-americanas e americanas, de um modo geral. Na vista geral do bairro, há habitações de alvenaria, mas em sua maioria as casas são construídas com outros materiais como ripas da madeira, folhas de metal, com paredes e telhas improvisadas. O terreno é plano. Diferindo das comunidades cariocas brasileiras cujas casas são sobrepostas em terreno fortemente ondulado. Há uma grande via que corta o Bairro, que separa Cité de Soleil de Bel Air, entretanto, entre a maioria das casas não há ruas, mas vielas onde seria possível o transporte a pé, de bicicleta ou moto (Figura 1).

Não há espaço para veículos transitarem. À beira de casas tanto de alvenaria quanto de madeira, observam-se valas sem cobertura nas quais é depositado o esgoto. Portanto, não há saneamento nestas casas observadas. Tanto os dejetos da cozinha, como



Figura 1 - Cité Soleil (2006-2008), Port-au-Prince, Haiti, à esquerda do leitor. E Bel Air à direita do mesmo. Foto tirada de dentro do tanque de guerra da MINUSTAH. Autor: SD. Pablo Sales Almeida. Veem-se, fora de foco, mais dois tanques brancos da MINUSTAH com soldados portando capacetes azuis. Ao lado da rodovia principal observa-se o esgoto a céu aberto. Ao fundo, um destacamento da grande cordilheira que separa o Haiti da República Dominicana, na Isla Hispaniola.



Figura 2 - *Cité Soleil* (2006-2008), Port-au-Prince, Haiti. Detalhe do sistema de esgoto. As casas não possuem encanamento e os dejetos da cozinha e banheiro são depositados nesta vala ao lado das moradias, gerando riscos de saúde aos moradores. Foto: SD. Pablo Sales Almeida.



Figura 3 - Port-au-Prince, Haiti. Casas de alvenaria. Ausência de encanamento e saneamento dentro das casas. Lavagem das roupas em bacias nas alamedas. Foto: SD. Pablo Sales Almeida.

do banheiro são levados pelos moradores de suas casas para a vala paralela a poucos centímetros das paredes das residências. Quanto à relação dos moradores com o esgoto, a vala, muitas vezes, precisa ser ultrapassada para o morador ir até o outro lado da rua, ou viela. Foram observadas nas fotografias, crianças com os pés descalços próximos a valas. Animais, como porcos, se alimentando da água das valas.

A água, para beber e cozinhar, é coletada fora das casas, e trazida pelos moradores para suprir suas necessidades básicas (Figura 2). A água potável é um elemento escasso no Haiti para populações menos favorecidas (Reis, 2010). Em um fotografia foi possível observar painéis grandes de alumínio contendo água dentro na porta das casas (Figura 3). Em outra fotografia, observou-se uma jovem com uma bacia de alumínio lavando roupas na porta de sua casa de alvenaria. Esta casa pertencia a uma parte mais estruturada urbanisticamente do Bairro. A jovem portava uma bela saia comprida costurada a partir de retalhos coloridos. Nota-se uma estética cultural nos seus trajes. As roupas penduradas no varal entre uma casa e outra da viela também eram coloridas e belas. E as casas pintadas de verde, e rosa, com dizeres como placas de informação nas paredes. O comércio informal é uma atividade econômica significativa do Porto Príncipe, Haiti, no período estudado.

Em Cité de Soleil a maioria das casas era de alvenaria constituída por bloquetes sem reboco ou de madeira. Poucas casas de alvenaria pintadas são observadas. A senhora, mãe de família, fotografada nesta casa, diferia da jovem com roupas coloridas e portava um traje branco. Suas filhas estavam, uma mais jovem, nua, com cerca de cinco anos, e outra, entre oito e dez anos, vestida com uniforme bastante formal, e pés descalços.

Os cabelos são cuidados com tranças de diversos tipos. No centro de Porto Príncipe, tendo o centro como região economicamente mais privilegiada e a periferia como população mais marginalizada das oportunidades e necessidades básicas, pode-se dizer que há (poucas) senhoras, mas há, com cabelos alisados, apliques e tranças afro. Ou seja, senhoras com acesso às tecnologias de cabelereiro e à cultura afro globalizada, observada na cultura afro-brasileira no norte do Espírito Santo, Brasil, e em Paris, França, tanto no seu centro quanto na sua periferia, mas vale ressaltar, assim como mostram os índices geográficos, que a população que tem acesso aos serviços básicos e estrutura urbanística, e de índice

de desenvolvimento humano médio a bom no Haiti é extremamente pequena, seja ela africana, mestiça ou europeia (Figura 4a e 4b).



Figura 4a - Port-au-Prince, Haiti. Estética. Influências da globalização e de fatores externos na estética Haitiana. Foto: SD. Pablo Sales Almeida.



Figura 4b - Port-au-Prince, Haiti. Estética. Festa da Bandeira. Data comemorativa do calendário Haitiano. Foto: SD. Pablo Sales Almeida.

No centro de Porto Príncipe, apesar da estrutura pequena do ponto de vista espacial e tecnológico, há posto de gasolina, loja de conveniências, hotel com padrão internacional de turismo, belas praias paradisíacas pelo país, resorts, correios, igrejas cristãs. O fato de ser um país com sistema capitalista propicia que as edificações luxuosas possam conviver lado a lado, de forma legalizada, com grandes extensões urbanísticas que não atendem às necessidades básicas dos cidadãos como água encanada, captação de esgoto, energia, comida suficiente do ponto de vista calórico e proteico. O que é pungente no Haiti ocorre nos países latino-americanos e africanos, em menores proporções. A desigualdade social não é um fenômeno particular do Haiti, mas se intensifica devido as grandes dificuldades socioeconômicas e ambientais do país.

Em Cité de Soleil não havia coleta de lixo. Os resíduos orgânicos e não biodegradáveis eram acumulados em montes com relativa proximidade das casas e ao lado das grandes valas de esgoto. Em uma das fotografias, observam-se as moradias de alvenaria não rebocada e também de tapumes de madeira, uma vala de esgoto do tamanho de um pequeno cór-

rego, e montes de lixo de um lado. Do outro lado da vala, vê-se uma feira livre com venda de frutas, legumes e farinhas, todas dispostas no chão pela pouca disponibilidade de madeira existente no país (Figura 5). O costume de apresentar os alimentos para venda, no chão, também foi observado em Paris, em 2007, no Bairro de imigrantes haitianos de Chateau Rouge, onde pequenos abacates ou avocados eram vendidos por muitos comerciantes informais haitianos.

Outras populações de imigração legalizada, ou ilegal, também habitam o Bairro de Chateau Rouge, dentre eles, observaram-se comunidades que lá vivem como africanos subsaarianos de países francófonos como Senegal, Congo e Costa do Marfim. Países africanos saarinos como Mali, Argélia, Tunísia e Marrocos, orientais do oriente médio como o Líbano, e do extremo oriente, cujas nacionalidades não foram possíveis atestar. Desde o Tsunami de 2004, no Oceano Índico, a imigração de populações orientais litonêas do Sri Lanka até os países próximos ao Cantão, na China, como Malaysia, Tailândia e Filipinas, é bastante expressiva em Paris.

Baseado no exposto acima, não se sabe, no presente trabalho, se o hábito de organização dos produtos das feiras livres no chão é um costume cultural ou uma imposição da ausência de artefatos como mesas para exposição dos produtos.



Figura 5 - Cité Soleil (2006-2008), Port-au-Prince, Haiti. Feira livre com venda de frutas, legumes e farinhas, todas dispostas no chão, como costume cultural. Contudo, próxima ao lixo e a vala de esgoto. Não havia coleta de lixo periódica no período estudado. Esgoto a céu aberto. Foto: SD. Pablo Sales Almeida.

No Mercado Municipal de Porto Príncipe existe, diferentemente de Cité de Soleil, um mercado simples, porém com características globalizadas da sociedade ocidental cristã. Há mesas de madeira com coberturas dispostas como nos mercados públicos latino-americanos de Santo Domingo, República Dominicana, e nos mercados públicos brasileiros. Com a diferença de que o mercado público de Porto Príncipe é a céu aberto, sem edificações.

Há venda no mercado público de produtos industrializados como sapatos. Não é possível atestar se os sapatos vendidos são novos, ou usados. A prática de venda de roupas e sapatos usados dos países industrializados é relativamente comum na África, por exemplo, embora incipiente no Brasil. Não foi possível atestar a origem também dos sapatos, se

são chineses, brasileiros, americanos, europeus ou de outra origem. Em uma parte do mercado público são abatidos animais, em sua maioria caprinos e ovinos. Porcos se movimentam por toda a cidade, tanto nas vielas de *Cité de Soleil*, como no mercado público durante o abate dos caprinos e ovinos. Entretanto, na presente entrevista, foi ressaltado que o haitiano não consome porco na sua dieta. Maiores investigações necessitam de ser realizadas para atestar essa informação. Frangos são abatidos no ambiente doméstico pelas mulheres enquanto o trabalho de açougueiro nos mercados é realizado por homens e jovens rapazes aprendizes (DUARTE-SILVA et al. 2014b). Há açougueiros que possuem mesa de madeira para o abate dos animais, geralmente feito com machadinhas e facas. Estes são mais habilidosos em seus ofícios, pa-



Figura 6 - Port-au-Prince, Haiti. Venda de alimentos no Mercado Público de Porto Príncipe. Foto: SD. Pablo Sales Almeida.

recem possuir mais treinamento para tal, e possuem um artefato a mais: uma mesa de madeira para trabalho. Há também outros açougueiros que trabalham no chão do mercado e possuem igualmente menos técnicas de abate dos animais, contaminando mais a carne com os micro-organismos presentes no meio. Nenhuma das duas classes de açougueiros aqui citadas possui água para a realização e esterilização nos abates. Duarte-Silva e col. (2014) analisou esta prática juntamente com profissionais de zootecnia de uma universidade brasileira e recomendou o fogo como estratégia de esterilização da carne após o abate. O fogo já é utilizado no Mercado Público do Haiti para esse fim. Resta saber se se trata de uma prática amplamente disseminada ou não (Figura 6).

Outros produtos industrializados são vendidos por senhoras no centro da cidade, nas calçadas,

em mercados informais. São vendidas latas de milho, ervilha, pacotes de macarrão, detergente ou lava-louças, dentre outros produtos de limpeza e comidas enlatadas (Figura 7). Há também nos mercados públicos e informais no centro da cidade, bem como no mercado de Cité de Soleil, sacas de arroz e milho, principais carboidratos utilizados na dieta haitiana. O feijão não é consumido amplamente no país, diferentemente de outros países latino-americanos como Brasil, Cuba, República Dominicana e Colômbia, colonizados por Portugal e Espanha (Figura 8). Diferentemente do Haiti, colonizado pelos franceses. Há de se considerar também a origem Africana das populações haitianas, mas aproximadas das imigrações compulsórias que aconteceram na Lousianna, nos Estados Unidos da América, do que dos países latino-americanos acima citados. Pretende-se desenvolver futuros trabalhos



Figura 7 - Haiti, estrada. Divisa com a República Dominicana. Mercado livre de venda de alimentos. (2006-2008). Foto: SD. Pablo Sales Almeida.

de campo no intuito de resgatar padrões em comum da história Africana dessas duas localidades colonizadas, após 1498, por franceses, Porto Príncipe (Haiti) e Nova Orleans (EUA).

O Voodoo é um traço cultural, documentado por Arostégui e Potes (2012), onde as divindades do Candomblé, Umbanda, Santeria cubana e Voodoo, separadamente, têm seus ritos comparados nos diversos países com colonização africana na América: Colômbia, Suriname, Brasil, e Antilhas Maiores: Cuba, República Dominicana e Haiti. A religião afro-americana em Nova Orleans e no Haiti é o Voodoo. O acervo do presente trabalho possui duas fotografias de um centro de Voodoo. O centro de voodoo estava localizado em uma casa de alvenaria, com as paredes pintadas de verde, e em uma grande mesa, um altar. Neste altar havia um crânio humano, muitas velas, pedras grandes como seixos, bebidas alcólicas e imagens cristãs como crucifixo e uma Nossa Senhora cristã e católica, denotando o sincretismo religioso europeu e africano. As bebidas

alcólicas são elementos em comum do voodoo com a Umbanda brasileira, sendo, neste último, a bebida oferecida aos deuses por intermédio dos médiuns. Bonecos de pano, vulgarmente associados com a prática do voodoo, foram observados na cor vermelha, sem a presença, entretanto, dos alfinetes.

Por fim, fotografias do centro da cidade de Porto Príncipe mostram as senhoras vendendo comida pronta nas ruas, também retratadas com zelo por Thomaz (2010). São senhoras que montam suas mesas nas ruas da capital e oferecem como produtos o almoço, ou déjeuner francês, contendo em sua maioria, arroz branco, milho e frango. Uma influência francesa, ibérica e americana de alimentação na figura do frango, arroz e milho, respectivamente. Além do milho, arroz e frango, vegetais como manga, banana, café, cana-de-açúcar e cucurbitáceas como abóbora, chuchu, melão, melancia foram observados na dieta haitiana. Duarte-Silva e col. (2014a ; 2015b) propõem práticas educativas de Biologia a baixíssimo custo, envolvendo a alimentação



Figura 8 - Port-au-Prince, Haiti. (2006-2008). Centro da Cidade. Mercado livre de alimentos industrializados e produtos de limpeza. Foto: SD. Pablo Sales Almeida.

comum do Brasil e Haiti como mote para o ensino. O trabalho foi desenvolvido numa perspectiva de educação CTSA : Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente, tendo a educação como elemento protagonista na transformação socio-ambiental. Segundo Reis (2010), a agricultura possui terras exauridas no Haiti, somente dois por cento das florestas do país estão preservadas e falta água potável para o plantio e consumo.

Nas casas por trás das senhoras que vendem alimentos, nas fotografias, percebe-se as paredes das edificações de alvenaria, essas sim, de dois andares, cravejadas de balas, e algumas paredes destruídas, caídas.

O transporte de mercadorias nas ruas asfaltadas é feito por carrinhos de duas rodas com tração humana, como na Índia, e nas capitais do Brasil, dentre as populações de recicladores de papel e alumínio. O transporte de pessoas é feito no centro de Porto Príncipe pelos tap-tap (Figura 8), pequenos carros coloridos, que comportam de cinco a dez pessoas em

média, com uma cabine e uma camionete transformada com bancos para transporte de pessoas.

O colorido das decorações dos diversos tap-tap expressa a cultura haitiana em sua essência, a despeito das guerras civis (no plural, pois tiveram muitas em sua história) (REIS, 2010) e dos desastres naturais como furações, comuns no Mar do Caribe e Golfo do México, e o terremoto de 2010. Há desenhos no fundo dos tap-tap, uma fotografia mostra o desenho realista de Wyclef Jean, cantor de origem haitiana, famoso internacionalmente, na cultura pop norte-americana. Segundo o entrevistado, ele era um ídolo no país nesta época, assim como o ex-jogador da Seleção Brasileira, Ronaldo Nazário.



Figura 8 - Estética Haitiana. Haiti. Port-au-Prince. (2006-2008). *Tap tap*. Foto: SD. Pablo Sales Almeida.

Considerações finais

O trabalho possui relevância na área educacional, sobretudo, em dois argumentos. Primeiramente, no emprego do *trabalho do tipo etnográfico* enquanto pesquisa educacional no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Esta modalidade de pesquisa propicia que seus resultados possam subsidiar práticas pedagógicas mais inclusivas e realistas, e, portanto, mais efetivas nas transformações socioambientais, o que é uma finalidade da pesquisa em Ensino de Biologia. A segunda razão consiste no valor histórico e cultural dos dados coletados pelos licenciandos, que transcendem o seu utilitarismo pela Biologia, e documentam pequenas porções da História de comunidades negligenciadas, “invisíveis”. Dão voz a sujeitos e geram do-

mentos que são escassos na literatura científica. E, sobretudo, retratam culturas das quais os estudantes não imergiram para o trabalho do tipo etnográfico, mas vivenciaram por períodos de três a dez anos, em algum momento de suas histórias de vida.

Por fim, a conscientização do licenciando enquanto sujeito histórico é um resultado relevante no processo ensino-aprendizagem. A valoração científica de vivências cotidianas, bem como a aplicabilidade desses dados nas Ciências (Humana, Social, Biológicas, Agrárias) desperta no licenciando o desejo de prosseguir os estudos, questionar seu papel social no mundo, dentre outros fatores, como a luta pelo seu desenvolvimento social pessoal e comunitário.

Vale ressaltar que a linha mestra do trabalho consiste na História de ocupação das Américas pelos europeus. Dentre os processos de ocupação desta-

cam-se o genocídio, e a miscigenação com o indígena, como estratégia bélica de ocupação (RIBEIRO, 2006) e o tráfico de africanos escravizados como um dos elementos centrais do sistema de produção das colônias de exploração e da cultura surgida a partir deste contexto (FREYRE, 2010). Tanto o Haiti como o Brasil, sobretudo o norte do Espírito Santo, possuem em sua história o traço cultural indígena, europeu e africano, com grande persistência da etnia afro-americana no contemporâneo (RIBEIRO, 2006; FREYRE, 2010; DUARTE-SILVA E COL., 2014A; HOFFMANN, 2014). As culturas indígena e africana foram sobrepujadas pela cultura europeia ocidental e cristã e as populações indígena e negra, em sua maioria, compõem os grupos com as menores oportunidades e acesso à sociedade constituída nas Américas até os dias atuais (MUNANGA, 2006; HOFFMANN, 2014).

Assunto das diretrizes curriculares para a Educação, as relações étnico-raciais indígenas e afro-brasileiras, bem como a história Ameríndia e Africana (MEC, 2015), são retratadas nos presentes estudos de caso, e os resultados das pesquisas dos discentes são paulatinamente debatidos, enquanto tema transversal, nas aulas de Ensino de Biologia e Educação Ambiental do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Bibliografia

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia na prática escolar*. Campinas, SP: Editora Papirus. 2015.
- CARMONA, G. B. e DELGADO, R. C. *La creatividad del docente y su impacto en la formación de los estudiantes universitarios*. Cuba: Imprensa del Palacio de Convenciones de Habana. 2014
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes. 2000.
- CHABROL, M. translated by Oliver Waine, “Château Rouge: a ‘Little Africa’ in Paris? The users and usages of a migrant commercial centrality”, *Metropolitics*, Paris, 22 de março de 2013.
- DUARTE-SILVA, É., MACIEL, T.S., SALES, P. A. Práticas de Ensino em Biologia envolvendo conexões culturais do Brasil com o Caribe. *Anais do Congresso Internacional de Educación Superior*. UNIVERSIDAD 2014. 2014a
- FERREIRA, J. Do estrangeiro ao excluído: Formas contemporâneas de classificação dos imigrantes africanos em uma organização humanitária francesa. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, v. 22, n. 2, p. 61-81. 2011.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2010.

HOFFMANN, Zilda. *O perfil sociodemográfico e étnico do corpo discente do CEUNES: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Vale do Cricaré. São Mateus-ES. 2014.

MACIEL, T.S., SOUZA, A. F. C., Cruz, J.J., Aguiar, V.R., SALES, P. A., MARGIERO, K. P. F., FALQUETO, A. R., FURIERI, K. S., DUARTE-SILVA, É. Práticas de Ensino em Ciências de baixo custo destinadas a escolas Brasileiras e Haitianas. *Anais do IV ENECIÊNCIAS*. 2014.

MEC. *Diretrizes Curriculares nacionais para a formação inicial em ensino superior*. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CONSELHO PLENO. RESOLUÇÃO Nº 2, DE 1º DE JULHO DE 2015. 2015.

MEIHY, J. C. S. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola. 1996.

MUNANGA, K.; COMES, N. L. *O Negro no Brasil de Hoje*. São Paulo: Global. 2006.

NARDOTO, E.L. & LIMA, H. *Histórias de São Mateus*. 1ª ed. São Mateus, Espírito Santo: Edal/Editora Atlântico Ltda. 1999.

SILVA, A.M.H.D. FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: Resgate da educação feminina católica na Escola Normal São José (1916 –1972). *Dissertação de mestrado*. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora-MG. 2004.

REIS, V.O. 'Insegurança alimentar e Degradação Ambiental: desafios e oportunidades da Embrapa no Haiti'. *Revista Habitus*, v. 8, n.2, p. 70-82, Rio de Janeiro. 2010.

RIBEIRO, D. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil*. Ed. Companhia das Letras, São Paulo. 2006.

ROMÃO, J. E. *Pedagogia Dialógica*. Ed. Cortez, São Paulo. 2006.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 304 p. 2009.

TADDEI, R. e GAMBOGGI, A. L. Etnografia, comunicação e meio ambiente. *Caderno pedagógico*, v. 8, n.2, p. 09-28. 2011.

Recebido em: 12/05/2018

Aprovado em: 11/06/2018